

Desafios metodológicos nos estudos radiofônicos no século XXI¹

Marcelo KISCHINHEVSKY²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

José Luis FERNÁNDEZ³

Universidad de Buenos Aires (UBA)

Lena BENZECRY⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Izani MUSTAFÁ⁵

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Luiza Borges CAMPOS⁶

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Cintia RIBEIRO⁷

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Renata VICTOR⁸

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo

O trabalho busca delinear os desafios em termos metodológicos para as pesquisas em torno da comunicação radiofônica num período que pode ser entendido a partir de chaves conceituais como “rádio expandido” (KISCHINHEVSKY, 2012) e “rádio pós-broadcasting” (FERNÁNDEZ, 2012). A complexidade da radiofonia, que transborda das ondas hertzianas para diversas plataformas digitais, articulando-se com elementos não-sonoros, exige, cada vez mais, o acionamento de abordagens multimétodo. No percurso, são apresentados dados preliminares de levantamento sobre os métodos de pesquisa utilizados pelos pesquisadores que apresentaram artigos no Grupo de Pesquisa (GP) Rádio e Mídia Sonora da Intercom ao longo do século XXI (período 2001-2014).

Palavras-chave

Comunicação; Rádio; Metodologia; Pesquisa

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, durante o XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Os autores agradecem ao bolsista Diedro Barros, pelo apoio no levantamento dos dados apresentados na parte final do presente texto.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ), onde coordena o AudioLab e lidera o Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas, listado no CNPq. Email: marcelok@uerj.br.

³ Doutor em Ciências Sociais pela Facultad de Ciencias Sociales da Universidad de Buenos Aires, onde integra a cátedra Semiótica de los Medios I, lecionando no curso de Ciencias de la Comunicación. Preside a Asociación Argentina de Semiótica e coordena o projeto *Letra, imagen, sonido. Convergencias y divergencias en los medios y en el espacio urbano*. Email: j.fernandez@szinfonet.com.ar.

⁴ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é bolsista Qualitec do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: lana.benzecry@gmail.com.

⁵ Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), é bolsista Qualitec do AudioLab da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: izani@brturbo.com.br.

⁶ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: luiزابorgescampos@gmail.com.

⁷ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: srtacintia@gmail.com.

⁸ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ) e integrante do Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas. Email: renatavictoronline@gmail.com.

Introdução

A radiodifusão sonora assumiu, durante os anos 1930 e 1940, papel de protagonismo entre as indústrias midiáticas, atraindo as atenções de pesquisadores, sobretudo nos EUA e na Europa, num contexto de hostilidades internacionais que culminaram na Segunda Guerra Mundial. Ao lado do cinema, o rádio passa a ser monitorado por diversos projetos, que serão responsáveis pelo desenvolvimento de metodologias de pesquisa empírica nas incipientes ciências da comunicação (MARTINO, 2010, pp. 136-137). Entre estes, destacam-se o Princeton Radio Research Project, criado em 1936 por uma equipe liderada inicialmente por Paul Lazarsfeld (e que dois anos depois contaria com o reforço de Theodor Adorno, exilado da Alemanha nazista); Office of Radio Research, da Universidade de Columbia (também integrado por Lazarsfeld); Princeton Shortwave Listening Center (com Harold Graves, Harwood Childs e John Whitton) e a Experimental Division for the Study of Wartime Communications, da Biblioteca do Congresso americano (com Harold Laswell, entre outros).

Nesse contexto de guerra, os estudos de comunicação nos EUA – muitos financiados pela Fundação Rockefeller – enfocavam, sobretudo, os efeitos da mídia, pautando-se por análises das mensagens veiculadas ou na recepção, sob inspiração da psicologia comportamental. Esta vertente de pesquisa empírica, geralmente quantitativa, com influência da Escola de Sociologia de Columbia, desaguou nos anos 1950 e 1960 na chamada *mass communication research* ou pesquisa administrativa norte-americana – reconhecendo-se as limitações que todos estes rótulos (tentativas de nomear *escolas* mais ou menos homogêneas) apresentam.

Outras correntes teóricas interessadas na comunicação, para além de uma suposta oposição binária entre pesquisa administrativa e teoria crítica, emergem no mesmo período, ganhando espaço acadêmico entre os anos 1970 e 1980. Entre elas, podemos mencionar a semiótica, a linguística, os estudos culturais e o interacionismo simbólico, que colocariam em xeque a lógica da pesquisa quantitativa, trazendo credibilidade inédita a métodos qualitativos.

Os estudos em comunicação chegam ao século XXI em meio a profundos questionamentos de ordem epistemológica. Comunicação seria uma grande área? Um campo disciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar? O que configuraria a esfera do comunicacional, no âmbito das ciências sociais aplicadas e das ciências humanas?

Nesse contexto, a pesquisa fragmenta-se e assume múltiplas vertentes, em que a especificidade, tanto em termos teóricos quanto na escolha dos objetos, ganha cada vez mais espaço. Não é coincidência que, em 1991, tenha se constituído o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), o mais longevo entre os que permanecem em atividade na esfera da maior associação científica do Brasil. Mas isto representaria um sinal de maturidade dos estudos radiofônicos ou seria apenas mais uma evidência da fragmentação da área?

Neste artigo, busca-se discutir o estado da arte das pesquisas radiofônicas em termos metodológicos, a partir da percepção de que a radiofonia superou, há tempos, as fronteiras das ondas hertzianas para articular-se cada vez mais com portais de internet, mídias sociais, telefonia móvel, TV por assinatura, incorporando elementos *parassonoros* (KISCHINHEVSKY e MODESTO, 2014) como texto e imagens – fotos que ilustram páginas on-line, webcams instaladas em estúdio, links para vídeos correlatos à programação etc. O rádio hoje é um meio expandido (KISCHINHEVSKY, 2012) de expressão, presente em múltiplas plataformas, numa fase que pode ser classificada como pós-broadcasting (FERNÁNDEZ, 2012).

Como dar conta deste objeto em constante movimento e em permanente reconfiguração? Abordar a radiofonia é, como vimos, tarefa que pode ser assumida a partir das mais diversas portas de entrada. Igualmente desafiador é tentar estabelecer métodos específicos para lidar com mídia sonora. Ao longo das décadas, a radiofonia tem sido pesquisada com base em aportes teórico-metodológicos de várias tradições, como análise de discurso, análise de conteúdo, estudos de recepção, história oral. Mas em que medida estas abordagens, isoladas, permitem abarcar a complexidade e a riqueza desse rádio expandido, operando numa lógica pós-broadcasting?

O presente trabalho busca expor a necessidade de se adotar abordagens multimétodo para dar conta da comunicação radiofônica, entendida em toda sua complexidade e também em sua especificidade. No percurso, são trazidas informações preliminares sobre o desenvolvimento das pesquisas radiofônicas no Brasil no século XXI, com base em levantamento exploratório empreendido pelo Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM/UERJ), listado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e liderado pelo primeiro autor.

O texto também é fruto de parceria entre o GP Mediações e Interações Radiofônicas e o projeto de pesquisa *Letra, imagen, sonido. Convergencias y divergencias en los medios y en el espacio urbano*, liderado pelo segundo autor na Facultad de Ciencias Sociales da Universidad de Buenos Aires (UBA).

Os autores agradecem pelo apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), do CNPq e da Secretaría de Ciencia y Técnica de la UBA (UBACyT) às pesquisas que resultaram no presente artigo.

Mídia sonora tratada como objeto menor

Uma consulta às principais referências bibliográficas em termos de metodologia na área de Ciências Sociais Aplicadas e, mais especificamente da Comunicação, disponíveis no Brasil (BAUER e GASKELL, 2002, DUARTE e BARROS, 2009, FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, LAGO e BENETTI, 2010), revela um quase absoluto silêncio em torno das pesquisas sobre radiofonia. No influente manual de Martin W. Bauer e George Gaskell, da London School of Economics, embora o som esteja incluído no título (*Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*), apenas um capítulo versa especificamente sobre o assunto, tomando como objetos de interesse a música e o ruído (BAUER, 2002). Outro capítulo trata das técnicas de análise da conversação e da fala (MYERS, 2002), mas igualmente sem mencionar o rádio, meio eletrônico mais popular do planeta ao longo de metade do século XX, em que a conversação e a fala desempenham papéis centrais.

É sintomático, ainda, que no manual organizado por Jorge Duarte (Umesp) e Antonio Barros (Iesb), com a participação de 31 pesquisadores e 23 capítulos em sua versão impressa, o texto dedicado à análise de mídia sonora, de Wilson Corrêa da Fonseca Júnior, figure entre os quatro conteúdos complementares ao livro, disponíveis somente no site da editora. Além disso, não oferece maior contribuição ao debate ao não identificar a especificidade da radiofonia como objeto de pesquisa:

Não existe um método de pesquisa específico e consagrado para o estudo de mídia sonora. Isto ocorre, em primeiro lugar, porque a análise desse material pode contemplar várias formas de linguagem e diferentes objetos de pesquisa. Além disso, parte da aplicabilidade do método provém de seus fundamentos teóricos. (FONSECA JÚNIOR, 2009, p. 4)

De fato são múltiplas as portas de entrada para a investigação do radiofônico, mas investe-se aqui na hipótese de que há especificidade neste objeto, que pressupõe diversas camadas de análise.

Quem já fez pesquisa empírica com ouvintes sabe como é, em geral, pobre a descrição de seus hábitos de escuta e do que apreendem da programação de uma emissora. É igualmente pouco expressivo o relato que profissionais do rádio costumam oferecer sobre as rotinas produtivas.

Em contrapartida, todo pesquisador que já investiu tempo na gravação e análise de horas de programação conhece de perto as dificuldades na transcrição de conteúdo sonoro, considerando toda a riqueza plástica (vinhetas, efeitos, música de fundo, sonoras de entrevistados, spots publicitários, inserções gravadas de ouvintes e/ou personalidades da música, toda uma constelação de metadiscursos) da comunicação radiofônica.

Observar textos constituídos com som é uma tarefa especialmente dura [...]; quinze horas de gravação resultam em quinze horas de uma primeira escuta; se se tomam notas enquanto se escuta, essa primeira vez se converte em trinta horas de trabalho. E encontrar aquilo que se quer escutar novamente? Melhor é ser prolixo desde o início, registrando cada momento que nos interesse, do contrário as trinta horas da primeira escuta se convertem em sessenta. Depois começa a análise *superficial*: os climas, as diferenças de espessura, as semelhanças de gênero. Se se deseja começar a ler as degravações (outras vinte ou trinta horas de trabalho, fazendo-o velozmente), no entanto, confrontando-os, quase sempre a decisão é por voltar a escutar, porque nelas não resta nada de *rádio*; as degravações se parecem com mensagens de textos de celular ou com os resultados de um bate-papo desenfreado: os *espacios do rádio*, que tanto protegemos e conceituamos, a co-presença de música e palavra que nos serve para diferenciar estes textos daqueles do *show radiofônico* habitual, desaparecem: com sorte, música e palavra convivem separados ainda que em paralelo como num roteiro cinematográfico. Nos damos conta de que muito já foi dito sobre as relações entre letra e imagem e também entre imagem e som; pouco, muito pouco, porém, das relações que há entre palavra e música no rádio [...]. (FERNÁNDEZ, 2012, pp. 128-129)⁹

Mas se a escuta parece crucial na análise de programas ou fragmentos de programação radiofônica, que dizer da mídia sonora que extrapola os limites das ondas hertzianas? Nesse caso, fica ainda mais complicado, porque uma série de novos fatores

⁹ No original: “*Observar* textos constituídos con sonido es una tarea especialmente dura advertida solamente, tal vez, por quienes la ha ejercido; quince horas de grabación resultan en quince horas de primera escucha; si se toman notas mientras se escucha, esa primera vez se convierte en treinta horas de trabajo. ¿Y encontrar aquello que se quiere escuchar nuevamente? Mejor es haber sido muy prolijo desde el vamos, registrando cada momento que nos interese, de lo contrario, las treinta horas de la primera escucha se convierten en sesenta. Después comienza el análisis *superficial*: los climas, las diferencias gruesas, los parecidos del género. Se desea comenzar a leer las desgrabaciones (otras veinte o treinta horas de trabajo, haciéndolo velozmente) pero, frente a ellas, se decide casi siempre volver a escuchar porque en ellas no queda nada de *radio*; las desgrabaciones se parecen a mensajes de textos de celular o a los resultados de un chateo desenfreado: los *espacios de la radio*, que tanto protegemos y conceptualizamos, la co-presencia de música y palabra que nos sirve para diferenciar estos textos de los del *show radiofónico* habitual, desaparecen: con suerte, música y palabra conviven separados aunque en paralelo como si fuera un guión cinematográfico. Nos damos cuenta de que se ha dicho mucho sobre las relaciones entre letra e imagen y aún entre imagen y sonido; poco, muy poco, de las que hay entre palabra y música en la radio [...]”.

pode intervir no consumo radiofônico, por exemplo, a facilidade em se recuperar um programa sob demanda e a audição articulada com elementos não-sonoros.

Em trabalhos anteriores, sob inspiração de Arnheim (1980), tentou-se uma abordagem espacial, acima da temporalidade do rádio, apesar do fato de que este é considerado, em princípio, intrinsecamente ligado ao som e a audição. Este movimento visa à constituição necessária do discurso radiofônico como objeto e corresponde à tarefa de colocá-lo em uma condição de igualdade com outros processos de produção do significado social.

O rádio, tal como existe, põe em questão espaços sociais que ordenam nossa vida. Se saímos pela cidade a bordo de um automóvel sintonizados numa emissora, nos encontraremos em algum momento numa zona rural, oposta claramente no senso comum ao espaço urbano, mas seguiremos envoltos discursivamente pelo clima, pelas atividades e pelos fatos da vida urbana. O rádio atua, neste caso, estendendo o espaço social urbano para além da efetiva extensão física.

Quanto ao procedimento de construção de textos, por sua vez, definimos três tipos de espaço construídos pelo rádio: o *social* – externo ao meio –, o *zero* – nenhuma indicação especial acompanha a voz ou a música – e o *mediático* – que somente pode ser atribuído à presença do meio. A utilização dominante destes espaços nos textos radiofônicos é o embrião de nossa classificação de *modos gerais de enunciação* e de *linguagens do rádio*.

Por último, a respeito da posição de análise frente ao radiofônico – como veremos, apenas parcialmente correspondente à posição de escuta – já a descrevemos como necessariamente inscrita na tensão entre o *utopismo* que congela o fenômeno para ser desconstruído e a *viagem* necessária à captação de fenômenos, como a da interação entre espaços urbanos e rurais que descrevemos antes (FERNÁNDEZ, 1994).

A construção cenográfica dos textos radiofônicos em geral, e muito especialmente dos radioteatros, se caracteriza pelo movimento em dois planos de abstração: os sons desvinculados de suas fontes (incluindo as vozes *desencarnadas*) e a necessária utilização de poucos elementos sonoros para a construção de ambientes. Essa austeridade de elementos convive com uma dose de redundância verbal para sustentar a construção de cenas de intercâmbio conversacional, necessário tanto para os gêneros informativos como para os registros ficcionais, incluindo aí o radioteatro e toda uma tradição de programas populares que trazem reencenações de crimes ou histórias trágicas, românticas, satíricas.

É preciso, portanto, ter sempre em mente as dificuldades para se descrever discursos radiofônicos ou mesmo definir o ouvinte de rádio, meio que opera em vários níveis: ao vivo, em trânsito através do espaço social, com ínfima possibilidade de retorno, enfrentando elementos sonoros de vários gêneros e articulando múltiplas temporalidades (ao vivo, gravado) e esferas da vida cotidiana (pública, privada, em diversas gradações). São, portanto, compreensíveis as dificuldades de memória que os ouvintes têm quando consultados sobre seus hábitos de escuta.

Dificuldades de análise, dificuldades de audição, dificuldades de memória: é evidente que a pouca importância dada à mídia sonora não é compatível nem com sua relevância, muito menos, com sua complexidade desafiadora. Esta situação pode ser atribuída a uma cultura em que prevalecem discursos audiovisuais, e que parece contaminar o mundo acadêmico, hoje cada vez mais enveredando por caminhos acríticos. Este contexto reforça nossa convicção sobre a necessidade de se buscar métodos próprios de pesquisa para dar conta do radiofônico.

Em busca de metodologia própria para lidar com o radiofônico

Por ocasião dos 20 anos do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, Nair Prata (2011) entrevistou os seis ex-coordenadores do grupo até então (Dóris Fagundes Hausen, Eduardo Meditsch, Luiz Artur Ferraretto, Márgda Cunha, Nélia del Bianco, Sonia Virgínia Moreira) e esboçou uma periodização dos estudos radiofônicos no país, com três momentos claramente demarcados: 1) os anos 1940 e 1950, em que surgem os manuais de redação para rádio; 2) os anos 1960 a 1980, marcado por livros-depoimento de personagens que fizeram parte da história do rádio no Brasil; e 3) a partir dos anos 1990, com o avanço da produção acadêmica.

Em trabalho anterior, Sonia Virgínia Moreira já se referia a uma transição: “[...] dos relatos baseados na memória particular o campo evoluiu para pesquisas de base histórica e alguma análise sociológica. Os estudos radiofônicos se ampliaram – incluindo temas como análise de conteúdo, de gêneros, avaliação de personagens, recursos de tecnologia – a partir da década de 1990” (MOREIRA, 2005, p. 125).

De fato, o memorialismo dos livros-depoimento deixou de ditar a produção bibliográfica sobre a radiofonia. Mas, nas primeiras décadas do século XXI, a pesquisa sobre a comunicação radiofônica encontra-se diante de uma série de encruzilhadas, dentro e fora da academia.

Na vertente mercadológica, a pobreza dos resultados festejados ou lamentados por emissoras está inserida num contexto de metodologias defasadas, porém relativamente baratas, que privilegiam o *recall* de marcas estabelecidas. Não há um monitoramento eletrônico da escuta, como ocorre há décadas com a TV. Para complexificar ainda mais o cenário, os antigos receptores de rádio saem gradativamente de cena, dando lugar a telefones celulares, o que fortalece novos intermediários e dificulta o garimpo de informações sobre hábitos de consumo. Neste ambiente, em que o rádio se encontra cada vez mais presente em plataformas diversas, crescem em importância, para os empresários, os números de downloads de aplicativos para escuta em smartphones e de visitantes únicos em websites. Há uma percepção clara entre gestores de que o front digital é o horizonte de sobrevida do meio, e os dados gerados nestas plataformas seriam tão ou mais significativos do que audiências medidas em milhares de ouvintes por minuto e no *share* de segmentos cada vez mais delimitados e fragmentários. Grupos focais, para buscar apreender os sentidos atribuídos à comunicação radiofônica pelos ouvintes e conhecer os vínculos que emissoras estabelecem com suas audiências, suas expectativas, afetos e desafetos, são um instrumento cada vez menos utilizado – talvez por ser relativamente caro, envolvendo toda uma logística, hoje praticamente limitada à pesquisa eleitoral.

Na pesquisa acadêmica, o cenário é ainda mais desalentador, devido à quase absoluta falta de recursos materiais e humanos para trabalho de campo nas ciências da comunicação. Além disso, há um mal-estar com métodos quantitativos, identificados com a pesquisa administrativa norte-americana. Privilegiam-se trabalhos qualitativos, embora nem sempre o corpus escolhido seja significativo e defensável. O ceticismo em relação à construção de uma amostra representativa do universo a ser pesquisado acaba servindo de desculpa para a realização de trabalhos de campo de escopo limitado, que não avançam um milímetro em relação às tão criticadas pesquisas de opinião aplicadas por meio de questionários fechados.

Não se advoga aqui o uso exclusivo de um método em detrimento de outros. Pelo contrário: a radiofonia exige uma abordagem multimétodos, no sentido de que a comunicação radiofônica abrange diversas esferas, da produção, da transmissão/distribuição/veiculação, da enunciação, das linguagens, do teor das mensagens, da interação entre comunicadores e público – em suas múltiplas formas: ao vivo, gravado, por telefone, via aplicativos de telefonia móvel, correio eletrônico etc. –, da recepção, consumo e/ou apropriação dos conteúdos radiofônicos. Cada uma destas perspectivas traz

consigo um arcabouço teórico-metodológico específico. Cabe-nos, sobretudo, observar a coerência entre métodos escolhidos, objetos de pesquisa e perspectivas teóricas e tomar consciência de que a metodologia está longe de ser algo *natural*, devendo sempre ser problematizada, pesando-se na balança seus prós e contras.

Inconsistências, fragilidades

A consolidação dos estudos radiofônicos nas últimas três décadas, com a criação de grupos de trabalho e de pesquisa em fóruns como a Intercom e a Rede Alfredo de Carvalho (Alcar) de História da Mídia, indica que as pesquisas no campo ganharam densidade. De fato, os pesquisadores dedicados à radiofonia são em número crescente, reflexo da expansão da pós-graduação em Comunicação (Mestrado e Doutorado), particularmente na última década. Mas quantidade não é necessariamente sinônimo de qualidade: do ponto de vista metodológico, ainda há um longo caminho para se percorrer.

Levantamento exploratório, ainda em sua fase inicial, realizado pelo Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas nos anais dos congressos nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), circunscrito ao Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, em suas diversas denominações, revela que em parte expressiva dos *papers* apresentados (170 de 507) não há sequer explicitação de metodologia utilizada.

E, quando a metodologia é especificada, não raro esta se mostra incompatível com o desenvolvimento do trabalho. Há, por exemplo, um artigo em que o autor indica no resumo que trabalhará com história oral, mas que, na prática, aciona todo um referencial teórico-metodológico de análise de discurso. No caso dos pesquisadores que adotaram procedimentos de entrevista, chama atenção a falta de uma tipificação mínima dos instrumentos acionados – entrevistas em profundidade, abertas, semiestruturadas. Em vários textos, fala-se indistintamente de entrevistas e depoimentos, como se estes fossem equivalentes e constituíssem categorias autoevidentes.

De acordo com os dados, ainda em fase preliminar de análise, há também ausência de indicações de perspectivas teóricas em parcela significativa dos trabalhos. É como se a teoria fosse igualmente algo dado, naturalizado, que não merecesse sequer um parágrafo de explicitação e contextualização.

Quanto às abordagens metodológicas mapeadas preliminarmente, foi detectada uma prevalência de revisão bibliográfica (253 artigos), estudos de caso (89) e ensaios teóricos

(41), estes muitas vezes não apresentados enquanto tais. Relativamente poucos artigos envolveram métodos mais trabalhosos como análise de conteúdo sonoro (66, dos quais a maioria sem explicitação de técnicas utilizadas), pesquisa documental (46) e estudos comparados (15).

O levantamento incluiu objetos de pesquisa e a análise preliminar dos dados revela presença expressiva de temas como história e memória de emissoras, programas, personagens, apesar da consolidação da Rede Alcar, que deveria ter passado a concentrar os trabalhos de história da mídia. Há também uma persistência de relatos de experiência, vinculados geralmente a ensino-aprendizagem, alguns deles de caráter meramente descritivo. Registrou-se ainda um crescimento de mapeamentos, levantamentos e cartografias, muitos deles autorreferenciais, vinculados a efemérides como o aniversário de 20 anos do GP.

Nos primeiros anos do levantamento, detectou-se a existência de artigos sem referências bibliográficas e outros fora dos padrões de comunicações científicas (textos em primeira pessoa, de caráter memorialístico, um deles com apenas seis páginas). Nesse aspecto, o campo ganhou densidade, e a padronização condicionada pelo (tão criticado) documento-modelo de submissões mostra a importância de seu caráter pedagógico.

A pesquisa detectou também outros avanços condizentes com o amadurecimento da área de Comunicação. Em 2001, apenas dois trabalhos (10%) eram declaradamente desdobramentos de dissertações de Mestrado, e predominavam artigos apresentados por autores sem titulação declarada¹⁰; em 2002, houve um *paper* desdobrado de dissertação e dois de teses de Doutorado; em 2003, cinco de Mestrado e quatro de Doutorado. Nos últimos anos, é flagrante o crescimento no número de trabalhos apresentados por mestrandos e doutorandos. Em 2012, 14 dos 40 artigos aprovados para apresentação no GP (35% do total) tinham mestrandos (cinco) e doutorandos (11) entre os autores. Em 2013, como o congresso ocorreu em Manaus, destino caro devido à distância dos principais centros urbanos do país, houve recuo na participação de pesquisadores em formação: apenas cinco mestrandos e quatro doutorandos figuravam como autores, num universo total de 31 artigos. Em 2014, essa presença voltou a crescer, atingindo recorde de sete mestrandos e oito doutorandos como autores ou co-autores, num universo de 39 artigos. Muitos co-assinam com seus orientadores, pesquisadores com vinculação de muitos anos ao

¹⁰ Dados sobre titulação não eram, em geral, explicitados, pois não havia um documento-modelo que indicasse estas informações como relevantes. Vale lembrar que, historicamente, o Intercom é um evento inclusivo, que permite a apresentação de trabalhos por graduados e especialistas.

grupo. Um sinal claro da inserção crescente dos estudos de radiofonia em programas de pós-graduação stricto sensu.

Considerações finais

O levantamento preliminar será refinado e passará por uma série de cruzamentos para que tenhamos um mapa das perspectivas teóricas, objetos de pesquisa e metodologias empregadas nos estudos de rádio e mídia sonora apresentados no GP. Mas dos dados emergem diversas preocupações que devem balizar o amadurecimento do nosso campo de pesquisa.

Títulos, resumos e palavras-chave são essenciais para a indexação dos trabalhos acadêmicos e ajudam a mostrar quem somos e o que fazemos. Precisamos ter maior rigor nas escolhas, explicitando filiação teórica, métodos de pesquisa e, sempre que possível, resultados, além da simples descrição do objeto.

Temos múltiplas portas de entrada para abordar objetos sonoros/radiofônicos e estas precisam ser discriminadas, entendidas como escolhas, que nos cobram coerência e perícia para articular técnicas compatíveis de pesquisa de campo.

Particularmente nos interessa pensar em abordagens multimétodos para dar conta de uma radiofonia que abarca elementos parassonoros, exigindo do pesquisador atenção não apenas ao conteúdo veiculado em ondas hertzianas, mas à sua replicação em sites, considerando-se o que caracteriza sua publicação em outras plataformas e toda a comunicação que se engendra a partir daí – comentários, compartilhamentos, manifestações de aprovação ou reprovação sobre os áudios que têm seu alcance multiplicado por mídias sociais que não têm dezenas de milhares de ouvintes por minuto, mas sim centenas de milhões de usuários interconectados.

Nós, pesquisadores, precisamos nos livrar de velhos vícios, deixar de repetir fórmulas irrefletidamente. Escrever um artigo acadêmico sobre rádio não pressupõe contar a história de uma emissora ou de um comunicador, de forma linear, sem historicidade, ou de modo memorialístico. Um breve histórico copiado e colado a partir de fontes on-line cada vez mais numerosas e acessíveis não nos traz mais contexto sobre o objeto escolhido, nem qualifica nossas pesquisas. Assim, apenas reproduzimos o que já foi escrito, acriticamente, muitas vezes por gente sem formação acadêmica, contaminada por narrativas enviezadas.

É claro que, com isso, não refutamos a ideia de entender o presente do universo radiofônico com base no passado. Reconhecemos que as escolhas feitas lá atrás, seja em termos de financiamento, programação, produção, legislação etc., ajudaram a definir o rádio de hoje. Entretanto, não nos interessa repisar informações já amplamente reproduzidas em tempos de copia-e-cola acadêmico. Há um novo presente e um incógnito futuro para o radiofônico que urge ser investigado e compreendido.

Precisamos, portanto, de métodos combinados, que nos permitam dar conta da complexidade do radiofônico em nossos dias.

Não podemos nos ater à perspectiva macro das mediações sem ir a campo e apreender as dinâmicas que constituem as múltiplas formas de comunicação; mas também não devemos concentrar todos os nossos esforços nas práticas interacionais, descontextualizando-as, desconsiderando as mediações sociais, políticas, econômicas e culturais que incidem sobre elas, condicionando-as. Precisamos de lentes multifocais para dar conta dos nossos objetos. (KISCHINHEVSKY e MODESTO, 2014)

A arte reside justamente aí: pôr em diálogo tradições distintas, como os estudos de recepção, a análise de discurso, a análise de conteúdo, a sociossemiótica, sem abrir mão da coerência. Não adianta simplesmente analisar dezenas de horas de conteúdos sonoros sem buscar compreender que sentidos os ouvintes constroem a partir destes materiais e o que têm em mente os produtores, como estes conteúdos circulam nas redes sociais on-line, quais os seus contextos e as intertextualidades que propõem. Não devemos nos contentar com escuta sistemática, nem com entrevistas em profundidade com comunicadores ou com etnografia da audiência: é a combinação de ações como estas que nos fará construir coletivamente novos conhecimentos sobre o campo e avançar rumo ao estado da arte em nossas pesquisas.

Privilegiar o desenvolvimento de instrumental metodológico próprio é chave para a consolidação em andamento das pesquisas em rádio e mídia sonora no Brasil e na América Latina como um todo, principalmente num momento em que ganham força as iniciativas de internacionalização e as produções coletivas de pesquisadores articuladas em torno de temas, objetos e afinidades teóricas.

Referências bibliográficas

ARNHEIM, Rudolph. **Estética radiofônica**. Barcelona: G. Gili, 1980.

BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, Martin W. Análise de ruído e música como dados sociais. in: BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FERNÁNDEZ, José Luis. **La captura de la audiencia radiofónica**. Buenos Aires, Líber Editores, 2012.

_____. (org.). **Postbroadcasting. Innovación en la industria musical**. Buenos Aires, La Crujía, 2013.

_____. Asedios a la radio. En: CARLÓN, M., SCOLARI, C. **El fin de los medios masivos. El comienzo de un debate**. Buenos Aires, La Crujía, 2009.

_____. Utopismo y viaje frente a los textos radiofónicos. **Anais do Colóquio Utopía y Viaje**, realizado na Universidad de Buenos Aires, outubro de 1994.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise de mídia sonora. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FRAGOSO, Suely, RECUERO, Raquel, AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio social – Mapeando novas práticas interacionais sonoras. **Revista Famecos**, vol. 19, n. 2, mai-ago. 2012

KISCHINHEVSKY, Marcelo, MODESTO, Cláudia Figueiredo. Interações e mediações Instâncias de apreensão da comunicação radiofônica. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 2, p. 12-20, 2014.

LAGO, Cláudia, BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARTINO, Luiz Claudio. Panorama da pesquisa empírica em comunicação. In: BRAGA, José Luiz, LOPES, Maria Immacolata Vassallo de, MARTINO, Luiz Claudio (org.). **Pesquisa empírica em comunicação**. Livro Compós 2010. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Da memória particular aos estudos acadêmicos: a pesquisa sobre rádio no Brasil. In: BRAGANÇA, Anibal; MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005.

MYERS, Greg. Análise da conversação e da fala. in: BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PRATA, Nair. Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom – 20 anos. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** (Intercom). Recife: Unicap, setembro de 2011.